

A interjeição sob diferentes olhares: análise do *nossa*, *valha* e *vixe* em conversas de *whatsapp*

JENIFER SANTOS BEZERRA

Graduada do curso de Letras
Universidade Regional do Cariri (URCA)

E-mail: jenifer.santos@urca.br

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2207-2422>

ANA CAROLINA RIBEIRO DA SILVA

Graduada do curso de Letras da
Universidade Regional do Cariri (URCA)

E-mail: carolr046@gmail.com

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0185-7714>

SANDRA ESPÍNOLA DOS ANJOS

Professora Mestra do curso de Letras
Universidade Regional do Cariri (URCA)

E-mail: sandra.espinola@urca.br

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0185-7714>

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicidade:
Fluxo contínuo

Volume 7
Número 1

Recebido em: 28/02/2022
Aprovado em: 02/07/2022

Resumo

O presente trabalho busca compreender como as interjeições “nossa”, “valha” e “vixe” são usadas na plataforma *Whatsapp*. Assim, estabelecemos os seguintes objetivos: (i) compreender o uso de tais formas em mensagens do *Whatsapp* como evidência de um processo de variação diacrônica e discursiva e sua integração na categoria dos marcadores discursivos; (ii) destacar o conceito de interjeição para a gramática normativa, os livros didáticos e para a Linguística; (iii) analisar os processos de variação de “nossa”, “valha” e “vixe” dentro de uma perspectiva diacrônica e discursiva e (iv) discutir a hipótese de as supracitadas interjeições poderem ser incluídas no rol dos marcadores discursivos. O referencial teórico adotado consiste na Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] / 2006) e em estudos sobre marcadores discursivos (MARCUSCHI, 2003; PENHAVEL, 2012; LOURENÇO, 2014). Para este fim, realizamos uma pesquisa quali-quantitativa e bibliográfica-documental, tendo como *corpus* conversas coletadas do *Whatsapp*. Os resultados apontam que as formas em foco são, de fato, variantes entre si e que o fator faixa etária é um condicionante importante nessa escolha; percebemos, ainda, que essas interjeições atuam como marcadores discursivos, a fim de manter a conversa entre os sujeitos e facilitar o processo cognitivo de comunicação. Concluimos, pois, que as interjeições, situadas à margem dos estudos da língua em livros didáticos e manuais de gramática, podem assumir diversos papéis, como o de marcadores discursivos e ser um campo fecundo para os estudos sobre variação discursiva.

Palavras-chave:

Interjeições; Marcadores; *Whatsapp*.

1 Introdução

As interjeições, como já atestado em trabalhos anteriores (CAIXETA, 2005; TOMAZETTO, 2012, BATISTA, 2013; BATISTA; RAMOS, 2015), são, muitas vezes, colocadas à margem dos estudos da língua, o que é perceptível em gramáticas, como a de Cegalla (2008), Bechara (2009), Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra (2017), e em livros didáticos (CEREJA; MAGALHÃES, 2013; CEREJA; VIANNA; DAMIEN, 2016; TUFANO, 2020), os quais ressaltam apenas seus aspectos formais.

Em sentido contrário, encontram-se os estudos linguísticos que as consideram a) fenômenos variáveis e b) marcadores discursivos. Podemos dizer que as interjeições “nossa”, “valha” e “vixe” sofreram modificações ao longo do tempo, o que se torna visível hoje quando as utilizamos como formas variáveis no discurso.

Ademais, ao considerarmos o fato de que, em plataformas digitais, como o *Whatsapp*, os indivíduos mantêm uma interação constante e se utilizam de formas típicas da língua falada nos seus textos escritos virtuais. Acreditamos que, nesses textos, é possível localizar usos alternantes das formas interjetivas “nossa”, “valha” e “vixe”, tão utilizadas no dia a dia pelos falantes. Essas formas podem nos mostrar como a classe das interjeições sofreu mudanças e incorporou formas antes integrantes de outras categorias gramaticais.

Nossa pesquisa busca responder como as interjeições “nossa”, “valha” e “vixe” são usadas, atualmente. Neste cenário, somos direcionados a alguns questionamentos que norteiam os rumos da presente pesquisa: tais formas são variantes entre si? Há uma maior ocorrência de uma forma em detrimento das outras duas? Qual o perfil do indivíduo ou grupo que as utiliza?

A partir das perguntas acima, intentamos alcançar os seguintes objetivos: (i) compreender o uso das formas interjetivas “nossa”, “valha” e “vixe” em mensagens do *Whatsapp* como evidência de um processo de variação diacrônica e discursiva e sua integração na categoria dos marcadores discursivos; (ii) destacar o conceito de interjeição para a gramática normativa, os livros didáticos e para a Linguística; (iii) analisar os processos de variação das formas “nossa”, “valha” e “vixe” dentro de uma perspectiva diacrônica e discursiva; (iv) discutir a hipótese de as formas interjetivas “nossa”, “valha” e “vixe” poderem ser incluídas no rol dos marcadores discursivos, visto a função que desempenham no texto.

Nossa pesquisa ancora-se, desse modo, na Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] / 2006) e em estudos sobre marcadores discursivos (MARCUSCHI, 2003; PENHAVEL, 2012). Quanto ao uso de estudos sobre a variabilidade e as questões pragmáticas da língua, valendo-nos do que afirma Alves (2011, p. 66), “[...] queremos dizer que não pretendemos fundir pressupostos e conceitos dos dois quadros teóricos acima e a partir disso criar um outro paradigma de análise [...]”. Dito de outra forma, cada um dos fundamentos teóricos aqui abordados atende a um objetivo específico.

Para alcançarmos os objetivos já mencionados, buscamos desenvolver uma pesquisa quali-quantitativa, quanto a sua abordagem, e bibliográfica-documental, quanto aos seus procedimentos, utilizando, para tanto, uma amostra com conversas coletadas da plataforma *Whatsapp*.

Esperamos, assim, que este trabalho possa contribuir no diálogo com a comunidade acadêmica acerca dos estudos linguísticos sobre interjeições e que venha a influenciar outros investigadores da linguagem em pesquisas na mesma temática para, assim, ampliarmos ainda mais o nosso conhecimento sobre a língua portuguesa que é tão variável e complexa e, ainda, contribuir para o ensino de língua portuguesa, ao considerar a variação diacrônica como uma realidade da língua, embora, às vezes, com pouco espaço dentro das salas de aula e nos livros didáticos.

Isto posto, é imprescindível trazer uma breve exposição acerca da organização deste trabalho. A princípio, traçamos uma contextualização do fenômeno aqui em foco, apontando as perspectivas da gramática normativa e de estudos linguísticos, percorrendo, mais especificamente, uma “viagem pancrônica”¹ das formas “nossa”, “valha” e “vixe”, desde seus usos iniciais até os atuais, o que nos leva ao viés pragmático dos marcadores discursivos. Na segunda seção, nos preocupamos em explicitar os direcionamentos metodológicos, bem como em discorrer sobre o aplicativo *Whatsapp* e sua funcionalidade. Na sequência, analisamos os dados coletados, interpretando-os, e, por fim, pontuamos nossas considerações finais.

2 Contextualizando o nosso objeto de estudo

Os fenômenos encontrados na língua podem ser explicados de formas distintas, seja pela Gramática Normativa, seja pela Linguística que, por si só, já nos revela um leque de interpretações. Nesse sentido, cabe refletir sobre as amplas formas de compreensão das interjeições.

Nesta seção, buscamos discutir o tratamento dado ao referido fenômeno pela gramática normativa, por meio da gramática tradicional e dos livros didáticos. Logo após, nos detemos nos estudos linguísticos, procurando observar como as três formas aqui investigadas tornaram-se interjeições, em uma variação diacrônica, a partir do processo de gramaticalização. Apresentamos alguns apontamentos teóricos acerca da variação discursiva, sob o viés sincrônico, assumindo a postura de que sincronia e diacronia não são dicotomias da língua. Finalmente, sob o ponto de vista pragmático, descrevemos a interjeição como marcador discursivo.

¹ Utilizamos esta expressão em alusão à expressão presente no título do livro *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, organizado por Robert e Kato (2018).

2.1 A interjeição sob o olhar da gramática normativa

As interjeições não recebem tanta relevância pelos gramáticos, tendo, geralmente, seu conteúdo resumido em uma a três páginas de um livro, no máximo. Nesse contexto, devemos verificar como gramáticas normativas – bastante presentes no cenário escolar brasileiro – abordam tal fenômeno linguístico e se há diferenças em cada uma. Para isso, observemos a seguir definições encontradas em livros didáticos e em gramáticas prescritivas da língua portuguesa.

Na Gramática Fundamental, interjeição é definida como “a palavra que expressa emoções e sentimentos, como alegria, surpresa, entusiasmo, tristeza, desapontamento, medo, saudação etc.” (TUFANO, 2020, p. 27). Então, ao observarmos a demonstração das interjeições, nesse livro, percebemos que o diálogo utilizado como exemplo se apresenta de forma que consideramos haver uma certa artificialidade.

Na obra Português: Linguagens, livro didático do Ensino Médio, encontramos a seguinte definição: “interjeição é a palavra que expressa emoções, apelos, sentimentos, sensações, estados de espírito.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 203). O livro apresenta ainda as locuções interjetivas, as quais são apontadas como “duas ou mais palavras que, juntas, desempenham o papel de interjeição.” (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 203). Além disso, apresenta algumas palavras classificadas como interjeições, como “nossa!”, “virgem!”, “oba!”, “viva!”, de acordo com diferentes emoções.

No livro Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso, também do Ensino Médio, os autores apresentam a interjeição como “palavra ou expressão com que traduzimos nossas emoções e sentimentos” (CEREJA; VIANNA; DAMIEN, 2016, p. 297). O livro traz exemplos de interjeição, destacando seus valores semânticos.

Diante disso, vejamos, no quadro abaixo, os conceitos de interjeição dados por alguns gramáticos:

QUADRO 1 – Conceitos de Interjeição

AUTOR	CONCEITO
Cegalla (2008)	“É uma palavra ou locução que exprime um estado emotivo”. (p. 300)
Bechara (2009)	“É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações [...]”. (p. 407)
Rocha Lima (2011)	“Interjeição é a palavra que exprime emoção. As interjeições são elementos afetivos da linguagem, e valem por frases inteiras, cujo sentido, às vezes, pode variar segundo a entoação que as acompanhe.” (p. 240)

Cunha e Cintra (2017)	“Interjeição é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções.” (p. 605)
-----------------------	---

Fonte: elaborado pelas autoras

Perante isso, percebemos que os gramáticos consideram, sobretudo, os valores semânticos das interjeições, posto que são palavras que exprimem sentimentos e sensações. A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) classifica a interjeição como uma das dez classes de palavras e há muitos autores que adotam esta classificação (CEGALLA, 2008; BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2011), o que também é possível perceber em manuais didáticos. Contudo, Cunha e Cintra (2017) excluem a interjeição destas classes, tendo em vista que constituem um *vocabulo-frase* e não possuem uma estrutura que se enquadra em um único sistema morfológico, possuindo características irregulares. Em consonância a isso, embora a considere uma classe de palavras, Bechara (2009) também ressalta seu caráter oracional.

Cunha e Cintra (2017) definem interjeição como “um grito instintivo”, assim, não a compreendem como uma palavra exatamente, mas um som puramente espontâneo que é realizado a partir das nossas emoções. Cunha e Cintra (2017) afirmam, ainda, que uma reação motivada por emoções pode ser expressa por diferentes interjeições e, ainda, uma mesma interjeição pode corresponder a sentimentos opostos, visto que este fenômeno depende do contexto e da entonação em que é proferido.

É imperativo destacar que Bechara (2009) divide as interjeições em quatro tipos: sons vocálicos que possuem uma escrita convencional; palavras já correntes na língua, como “bravo!” e “valha!”; palavras que buscam reproduzir sons de animais e locuções interjetivas – expressões interjetivas formadas por mais de uma palavra. Nos concentramos, portanto, no tipo de interjeição formado por palavras já correntes na língua e, por isso, devemos perceber se as interjeições que compõem o escopo deste trabalho - “nossa”, “valha” e “vixe” - pertencem a outras classes gramaticais e traçar a trajetória destas formas na língua.

Diante do que foi exposto, em pesquisas realizadas em gramáticas tais como a de Rocha Lima (2011), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2017), e, também, em alguns livros didáticos do Ensino Médio, observamos que a ocorrência das três formas interjetivas é reduzida, uma vez que o conteúdo sobre interjeições também é pequeno. Sendo assim, trataremos de conceituar as formas “nossa”, “valha” e “vixe”, de acordo com as gramáticas nas quais aparecem.

Seguindo a ordem do título desta seção, iniciaremos com a forma “nossa” que, na gramática de Rocha Lima (2011), Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2017), aparece como pronome possessivo relacionado à 1ª pessoa do plural. Contudo, no livro didático do Ensino Médio *Português: linguagens*, de Cereja e Magalhães (2013),

essa expressão é apresentada como interjeição que expressa espanto, surpresa. Encontramos, ainda, em outro livro didático também do Ensino Médio - *Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso* -, dos autores Cereja; Vianna; Damien (2016), o “nossa” como locução interjetiva, quando unido a outra palavra, a exemplo: “minha nossa!”.

Em relação à forma “valha”, as mesmas gramáticas já citadas de Cunha e Cintra (2017), Rocha Lima (2011) e Bechara (2009) tratam como conjugação do verbo “valer” no presente do subjuntivo, em seção que aborda verbos com formas irregulares. Mas Bechara (2009), na mesma gramática, ocupa-se em trazer o “valha” incluindo como interjeição “palavras já correntes na língua, como *olá!, puxa! [...] valha!* (com contorno melódico exclamativo)” (BECHARA, 2009, p. 408), e locução interjetiva, como em “Valha-me Deus!”.

Em nenhuma das gramáticas examinadas há a interjeição “vixe”. Encontramos apenas “Virgem!”, forma semelhante que, de acordo com o livro didático do Ensino Médio de Cereja e Magalhães (2013), expressa surpresa. Uma hipótese que levantamos aqui é que “Virgem!” pode ser uma das “evoluções” da expressão “Virgem Maria”, que trataremos na próxima seção, assim como a evolução do “nossa” e do “valha” na língua, além de observar sua classificação e uso, nos baseando em aportes linguísticos.

2.2 Nossa, valha e vixe sob o olhar linguístico

A Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Labov, Weinreich e Herzog ([1968] / 2006), indica a necessidade de compreender a língua, de modo sincrônico e, também, diacrônico como um objeto de heterogeneidade ordenada. Partindo deste pressuposto e utilizando de ambos os estudos, nos detemos, primordialmente, em duas variações linguísticas: a diacrônica e a discursiva.

A variação diacrônica – fenômeno descrito como o estudo dos aspectos linguísticos ao longo do tempo – que pode nos explicar o surgimento e desenvolvimento das expressões “nossa”, “valha” e “vixe”, a partir da gramaticalização. A gramaticalização consiste em um processo no qual um item lexical torna-se um item de caráter gramatical. Uma de suas características basilares é a unidirecionalidade, a qual estabelece que este processo pode seguir apenas uma direção específica, em um *continuum* (NEVES, 2018). Isto é, a gramaticalização ocorre apenas quando um item referencial vai perdendo, paulatinamente, sua informatividade, adquirindo aspectos mais gramaticais.

No que concerne ao “nossa”, Ramos (2010) busca traçar a sua trajetória, a partir da forma nominal “nossa senhora” até a forma interjetiva “nu”. A autora destaca, assim, o percurso desta forma na língua:

Nossa Senhora > Nossa Senhora! > Nossa! > Nó > Nu

A princípio, segundo Ramos (2010), a forma nominal “Nossa Senhora” contém conteúdo referencial e é encontrada em contextos religiosos, mas depois surgem formas gramaticalizadas com função interjetiva que podemos encontrar em outros campos discursivos, adquirindo outras "interpretações".

A gramaticalização de “valha”, por sua vez, desenvolveu-se a partir da expressão “Valha-me Deus”, que é um item de conteúdo referencial, e, com o passar do tempo, tornou-se um item do campo expressivo e pragmático, uma interjeição. Neste sentido, cabe expressar o percurso desta interjeição:

Valha-me Deus > Valha-me Deus! > Valha!

Percebemos, nessa trajetória, bem como Ramos (2010), em seu estudo sobre a “nossa senhora”, que, inicialmente, a expressão “Valha-me Deus” era usada em contextos religiosos como uma súplica para que uma divindade, neste caso o Deus cristão, lhe valesse, lhe amparasse. O “valha-me Deus”, posteriormente, adquire um caráter interjetivo, em contextos como os de surpresa e espanto, até chegarmos à forma “valha”, com significado semelhante ao anterior. Cabe destacar alguns exemplos:

- a) "Oh, valha-me Deus! Que grande miséria é a nossa!"
- b) "Valha-me Deus! O que nos espanta? Não é mais para admirar tal obra?"
- c) "Valha-me Deus, que confusão tão grande!"

Os excertos foram retirados da obra *Meditações sobre os cânticos*, de Teresa de Jesus, e do *Sermão da primeira domingo do advento*, do Padre Antônio Vieira. Diante desses fragmentos, é possível observar que, no item (a), Teresa de Jesus suplica a Deus por sua misericórdia. Nos itens (b) e (c), de Teresa de Jesus e do Padre Antônio Vieira, respectivamente, já podemos encontrar a expressão como forma de espanto.

Nos atentemos agora ao desenvolvimento da forma “vixe”, que, tal qual às anteriores, pode ter origem de uma expressão do cristianismo, a “Virgem Maria”. Para isto, tomamos como base o trabalho de Dornelas (2018) sobre a gramaticalização da referida forma nominal. Dornelas (2018) visa estabelecer a conexão entre a interjeição “xi!?” e a construção “virgem maria”, em um processo de gramaticalização, no dialeto mineiro. Em consonância ao exposto, nos pautamos na hipótese de o “vixe” ser uma interjeição advinda de “Virgem Maria”. Posto isto, segue abaixo a trajetória da forma “virgem maria”:

Virgem Maria > Virgem Maria! > Vige Maria! > Vige! > Vixe!

Consoante às formas gramaticalizadas já mencionadas, a expressão “virgem maria” se enquadra, primeiramente, em situações religiosas.

“Virgem Maria”, inicialmente, faz referência à Maria, mãe de Jesus. A *posteriori*, há o “virgem maria” interjetivo, o qual origina a forma “vige maria!”, que é reduzida à “vige!” e, finalmente, alcançando “vixe!”. Diante disso, podemos perceber que as formas advindas da expressão nominal “Virgem Maria”, também se encaixam em outros âmbitos, diferentes do religioso, assumindo um outro papel semântico e funcional.

Vale frisar um fenômeno ocorrido nestas transformações que reforça a gramaticalização de “virgem maria”: a redução do material fônico, como pontua Dornelas (2018). De acordo com Coelho e Vitral (2010), a redução do material fônico é uma das evidências de gramaticalização, haja vista a existência de uma tendência linguística que propicia a redução da carga sonora do item, à medida que sua frequência aumenta. De “Virgem Maria” à “vixe”, percebemos que a palavra Maria é suprimida, mas há, também, a perda fônica do “virgem” para “vige” e do “vige” para “vixe”, no qual há a queda da fricativa alveopalatal vozeada [ʒ] e a ascensão da fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ].

Em face do exposto, nos propomos a compreender as formas aqui tratadas dentro de uma perspectiva Sociofuncionalista, pois percebemos que não é apenas a língua que sofre mudanças, mas a gramática também, visto que depende do uso que o falante/ouvinte/leitor/escritor faz dela nas inúmeras situações cotidianas da vida em comunidade. Ademais, a partir de uma perspectiva Sociofuncionalista vemos que “as experiências do falante e do ouvinte com a língua são particulares, individuais, e podem ser distintas em diversos graus” e, assim, “eles têm de se esforçar para se fazer entender e para tentar entender, negociando e adaptando formas linguísticas para diferentes funções” (TAVARES, 2013, p. 32). As mudanças se operam no eixo da gramática na busca pelo sucesso na troca comunicativa por parte de cada interlocutor. Nesta perspectiva, Tavares (2013, p. 32) assinala que o surgimento de “novas estratégias para a constituição do discurso”, “se, frequentemente repetidas, rotinizam-se, tornando-se parte da gramática da língua”. Tornando-se, pois, “construções gramaticais”.

Trazendo para o objeto ora apresentado, o que temos são formas interjetivas que, a partir das trocas verbais do falante/ouvinte, sofreram um processo de gramaticalização e operam como marcadores discursivos.

Essa variabilidade da língua aproxima a Sociolinguística dos pressupostos dos teóricos-metodológicos do Funcionalismo americano. Daí compreendermos a variação discursiva, a qual corresponde ao “[...] processo que envolve fenômenos variáveis no nível discursivo tomados como objeto de análise, bem como condicionamentos de natureza discursiva [...]” (GÖRSKI; VALLE, 2016, p. 81). Ou seja, a variação discursiva se dá a partir da existência de variantes que se permutam conforme o contexto, formando uma variável discursiva.

Assim, é possível notar a importância dos aspectos semântico-discursivos para este tipo de variação e entender que restrições discursivas podem atuar na impossibilidade de formas serem consideradas variantes de uma mesma variável (GÖRSKI; VALLE, 2016). Por isso, há a necessidade de sempre definirmos o envelope de variação. A título de exemplificação, pensemos na seguinte possibilidade: observando “Valha-me Deus”, “nossa senhora” e “Virgem Maria”, percebemos que “Valha-me Deus” não corresponde a uma variante da mesma variável de “nossa senhora” e “Virgem Maria”, enquanto estas últimas, em dados momentos, podem ser utilizadas como variantes, já que correspondem a uma expressão nominal que se refere ao mesmo sujeito. Mas, conforme o processo de gramaticalização, as formas “valha”, “nossa” e “vixe” podem assumir o papel de variantes, como tentaremos demonstrar na nossa análise.

A partir disso, nos preocupamos, então, em abordar seu uso e funcionalidade. Para isso, tomemos como base Lourenço (2014) que, em seu estudo sobre as funções dos marcadores em um diálogo, denomina como Marcadores Conversacionais “elementos que se prestam à demarcação do diálogo, à ligação entre unidades comunicativas. Os MCs servem como elo entre as unidades comunicativas [...]” (LOURENÇO, 2014, p. 101). Em outras palavras, os marcadores são empregados como “facilitadores” e/ou “organizadores” do que podemos chamar de processo interativo.

Os marcadores, segundo Marcuschi (2003), possuem funções sintáticas e conversacionais e obedecem a princípios comunicativos para sua demarcação, não somente a princípios sintáticos. O autor ainda afirma que

Podem aparecer em várias posições: na troca de falantes, na mudança de tópico, nas falhas de construção, em posições semanticamente regulares. Fundamentalmente, eles podem operar como iniciadores (de turno ou unidade comunicativa) ou finalizadores. (MARCUSCHI, 2003, p. 61).

De acordo com o trecho acima, podemos observar que *Nossa*, *Valha* e *Vixe* atendem às características de marcadores expostas até aqui. Para demonstrar, tomemos como exemplo três situações conversacionais nas quais essas formas aparecem ligadas ao gerenciamento da comunicação:

- a) “– Ontem ganhamos 645 reais.
a. - Nossa!”
- b) “– E a situação dos bares tá muito complicada por isso.
a. - Valha, ainda bem que não trabalho mais em bares.”
- c) “Por que tu não foi hoje?
a. - Perdi a hora, meu despertador não tocou.
b. - Vixe.”

Nessas situações, os termos considerados marcadores correspondem ao processo interacional entre os interlocutores, de modo que facilitam a organização cognitiva e a execução comunicativa. Em a) “nossa” tem valor expressivo de admiração, o que nos leva a vê-lo como interjeição, mas também como marcador por dar rumo ao fluxo da conversa que, nesse caso, permite que os interlocutores retornem ao assunto. Observemos, agora, que, em b), a palavra “valha” pode significar uma pausa para a formação do raciocínio, além de expressar uma leve surpresa pela informação que foi comunicada. Em relação ao “vixe”, ao retomar Marcuschi (2003), podemos cogitar que sua função é de finalizador da interlocução, uma vez que, na fala, a entonação e a posição dessa expressão revelam ao ouvinte que a conversa está caminhando para o final, além de demonstrar, nessa situação, um breve lamento pelo ocorrido.

Retomando a premissa de que os marcadores discursivos são auxiliares do processo de interação entre interlocutores e atuam obedecendo princípios comunicativos (MARCUSCHI, 2003). Penhavel (2012, p. 83), então, conclui:

Nesse sentido, então, é que os MDs [...] teriam uma função de facilitação, pois seriam usados em alguns dos pontos de sequenciamento no decorrer de um texto, para, nesses pontos, explicitar os significados sequenciais e, assim, diminuir o esforço total de processamento cognitivo por parte dos interlocutores.

Levando em consideração a função de facilitadores comunicativos que os marcadores podem ter, notamos que a utilização deles, na interação via *web*, condiz com a proposta da comunicação imediata, uma vez que o *chat*, no caso desta pesquisa o *Whatsapp*, permite que as conversas sejam realizadas rapidamente, de modo a refletir ao máximo a oralidade. É o que veremos nas seções seguintes.

3 Contextualizando o instrumento de pesquisa

Para esta pesquisa, como já mencionamos, investigamos as ocorrências das interjeições “nossa”, “valha” e “vixe”, pelo aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*. Na presente seção, são apresentadas algumas considerações sobre o aplicativo (criação e estrutura), também sobre as possibilidades de comunicação que são permitidas por esse *software* na perspectiva de alguns autores. Além disso, também veremos como a pesquisa se configura, qual o *corpus* utilizado, como iremos analisá-lo, e, por fim, apresentaremos ponderações sobre nosso projeto e a sua apresentação ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

3.1 Sobre as conversas no aplicativo de mensagens *Whatsapp*

O *Whatsapp* é um aplicativo criado por Jan Koum e Brian Acton, em 2009, cuja função central é a conversação. Dada a sua disseminação mundial, pesquisadores como Pinheiro (2017, 2018) compreendem, em seus estudos, o *Whatsapp* como um aplicativo no qual circulam os gêneros *chats*, também chamados de bate-papos. É a partir desta perspectiva que direcionamos o nosso trabalho.

Tomando como base o que diz Marcuschi (2010), os *chats* são, em linhas gerais, gêneros emergentes digitais de produção síncrona que são usados em diferentes situações, como o *chat* em aberto, o *chat* reservado, a aula *chat* e o *chat* agendado. Ao defini-los, Marcuschi (2010) apresenta o *chat* em aberto como aquele espaço virtual no qual diversas pessoas interagem simultaneamente. Ao contrário, o *chat* reservado restringe a interação a apenas dois sujeitos. O *chat* agendado, por sua vez, diferencia-se do anterior por ser marcado previamente. A aula *chat*, finalmente, ocorre de modo semelhante aos demais, mas volta-se, estritamente, para fins educacionais.

Percebemos que no *Whatsapp* circulam diferentes tipos de *chats* como os citados acima, os quais são criados em diferentes comunidades sociais. Alguns exemplos são os grupos criados por participantes de academias esportivas, por amigos, *gamers* ou, ainda, com fins comerciais e jornalísticos.

No que diz respeito a sua estrutura, o *Whatsapp* possui, como pontua Pinheiro (2018), diversos recursos que o diferencia da interação face a face e, também, da escrita prototípica, como é o caso das imagens, vídeos, áudios, além de *links* e *emoticons*. Mas há, também, semelhanças, como a sobreposição de conversas, comum na fala, e a troca de mensagens em períodos temporais diferentes, que pode ocorrer mesmo com a possibilidade de conversa imediata, aproximando-se da escrita prototípica.

É notório, desse modo, que o *Whatsapp*, um suporte dos gêneros *chats*, caracteriza-se por um certo hibridismo, muito presente em gêneros emergentes digitais. Logo, quando utilizado como objeto de pesquisa, também deve receber um tratamento diferenciado no manejo de seus dados.

3.2 Sobre a pesquisa

A presente pesquisa, que se configura como quali-quantitativa, no que se refere a sua abordagem, apresenta um *corpus* composto por mensagens coletadas do aplicativo *Whatsapp*, retiradas de 12 conversas privadas e 08 grupos, em um total de 11 participantes do sexo feminino e 08 do sexo masculino.

Para a seleção dos grupos e dos membros desses mesmos grupos, consideramos a inclusão de pessoas do sexo feminino e masculino, das faixas etárias entre 18 a 60 anos - as quais foram divididas em três grupos: faixa etária 1 (f1), de 18 a 25 anos, com 12 sujeitos, faixa etária 2 (f2), de 26 a 45 anos, com 05 participantes e a faixa etária 3 (f3), de 46 a 60 anos, com 04 participantes, além de terem o ensino básico ou superior completos ou incompletos.

Em relação às mensagens, incluímos aquelas nas quais os contextos eram observáveis e apresentaram ocorrências das formas interjetivas apontadas anteriormente. Para a exclusão, consideramos as mensagens nas quais não foi possível observar seus contextos apenas em textos escritos, ou seja, aquelas cuja compreensão depende de outras semioses, como imagens, vídeos e áudios. Nesse contexto, seguindo esses critérios, conseguimos coletar ao todo 214 ocorrências das formas interjetivas.

Realizamos, a priori, uma observação sistemática, a fim de verificar em quais conversas é possível perceber os contextos semânticos e pragmáticos nos quais estão inseridas as formas em análise, haja vista a hipertextualidade do gênero *chat*, ou seja, o uso de áudios, vídeos, imagens e/ou *links* durante a conversa.

Por fim, para atestar a pertinência desta pesquisa, no que se refere aos aspectos éticos do procedimento de coleta dos dados, o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Universidade Regional do Cariri - URCA assegura-nos a partir do CAAE n° 46315021.0.0000.5055 e do Parecer n° 4.735.033.

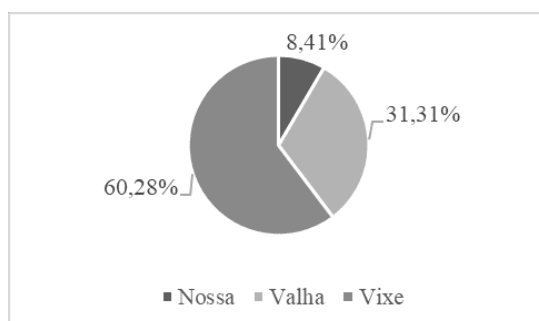
4 Análise de dados: as formas interjetivas em uso

Em razão do viés quali-quantitativo atribuído à nossa pesquisa, dividiremos nossa análise em dois momentos: primeiro, nos deteremos na análise quantitativa dos dados, tomando como base a Sociolinguística Laboviana. Na sequência, discutimos os dados a partir de uma análise qualitativa, voltada para os aspectos semântico-pragmáticos das formas estudadas.

4.1 As formas interjetivas a partir da Sociolinguística Quantitativa

A fim de analisar as interjeições em uso no *Whatsapp*, coletamos, em 12 conversas privadas e em 08 grupos, 214 ocorrências de tais formas. Dessa quantidade, encontramos 18 usos do “nossa”, 67 do “valha” e 129 dados do “vixe”, com os seguintes percentuais apresentados no gráfico 1:

Gráfico 1 – Ocorrências das interjeições “Nossa”, “Valha” e “Vixe”



Diante do Gráfico 1, vemos que a discrepância entre a quantidade de dados de uma interjeição e outra é notória, sobretudo do “nossa” em relação às demais. Inferimos que a sua pouca frequência se dá pelo fato de que a maioria dos participantes é natural da (ou reside na) região do Cariri, no Ceará, lugar onde acreditamos não ser tão comum o uso do “nossa”, ao contrário de “valha” e, sobretudo, “vixe”, com a maior quantidade de ocorrências. Isso é, no entanto, apenas uma hipótese que necessita de uma confirmação empírica para ser validada, o que levanta a possibilidade de pesquisas futuras sobre o assunto.

Ademais, buscamos identificar o uso do “nossa”, o “valha” e o “vixe” entre homens e mulheres. Mulheres e homens utilizam essas interjeições com uma frequência semelhante? Há entre eles distinção na preferência por alguma dessas formas? É o que veremos a seguir:

Gráfico 2 – Uso das formas “nossa”, “valha” e “vixe” em relação ao sexo/gênero

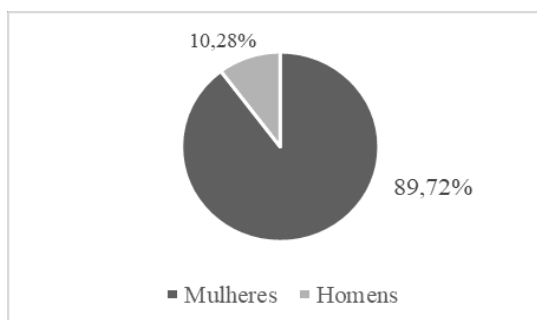


Tabela 1 – Comportamento das formas “nossa”, “valha” e “vixe” em relação ao sexo/gênero

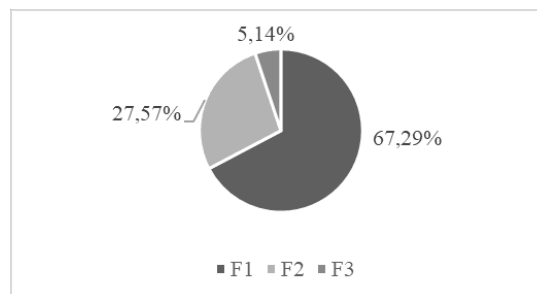
INTERJEIÇÕES	MULHERES (%)	HOMENS (%)
<i>Nossa</i>	88,89%	11,11%
<i>Valha</i>	88,06%	11,94%
<i>Vixe</i>	90,70%	9,30%

O Gráfico 2 demonstra que são as mulheres as responsáveis pela maior frequência no uso dos fenômenos interjetivos, de modo geral, com 89,72% das ocorrências, enquanto os homens pouco se utilizam dessas interjeições. A Tabela 1 reforça essa constatação ao mostrar o percentual de usos das três formas em ambos os sexos/gêneros. Reconhecemos que a quantidade de participantes do sexo feminino é maior que a do sexo masculino, mas é uma diferença mínima e, por isso, não justifica uma discrepância tão acentuada como a apresentada.

Ainda no tocante a tabela 1, convém destacar que, embora seja uma diferença pequena, os homens utilizam com maior frequência o “valha”, com 11,9%, quando comparado às outras duas, tendo com menor frequência o “vixe”, com 9,3% dos casos. As mulheres, por sua vez, priorizam o “vixe”, com 90,70%, e com a menor frequência, entres as interjeições, o “valha” se realiza em sua escrita, sendo responsável por 88,06% das ocorrências.

Agora, vejamos o comportamento da faixa etária no que se refere ao nosso objeto de estudo:

Gráfico 3 – Uso das formas “nossa”, “valha” e “vixe” em relação à faixa etária



A priori, lembremos que f1 refere-se à faixa etária 1, f2 à faixa etária 2 e f3 à faixa etária 3, como informado na seção anterior. O gráfico 3 evidencia que a maior parte das interjeições foi usada por participantes da f1, em um total de 67,29% dados, sucedido da f2, com 27,57%, e, por último, a f3, em um número pequeno de 5,14%. No entanto, cabe-nos ainda perguntar: como a faixa etária se manifesta em cada uma das interjeições por nós analisadas? É o que veremos, a começar pelo “nossa”:

Tabela 2 – Frequência de uso da forma “nossa” em relação à faixa etária

FATORES	%
Faixa etária 1 – f1	27,77%
Faixa etária 2 –	33,33%

f2	
Faixa etária 3 – f3	50%

Com base na Tabela 2, notamos que a f3 utiliza mais o “nossa”, com 50% dos dados, quando comparada à f1 e f2. Assim, a quantidade de usos vai diminuindo, gradualmente, à medida que se reduz a faixa etária, com 33,33% e 27,77% na f2 e f1, respectivamente. Reiteramos que este resultado se deu apesar de o número de participantes incluídos na f3 ser menor que nas demais faixas etárias, sobretudo quando comparado à quantidade de sujeitos da f1. É visível, dessa forma, que a faixa etária é um condicionante fundamental para o emprego do “nossa”.

Agora, observemos a influência desse mesmo fator nas ocorrências da forma interjetiva “valha”:

Tabela 3 – Frequência de uso da forma “valha” em relação à faixa etária

FATORES	%
Faixa etária 1 – f1	68,65%
Faixa etária 2 – f2	31,34%
Faixa etária 3 – f3	0%

O “valha”, de acordo com a Tabela 3, mostra forte presença na escrita de sujeitos pertencentes à f1, o que diminui, significativamente, entre aqueles da f2 e não surge nos dados das pessoas da f3. Aqui, a faixa etária também nos parece um fator condicionante.

Partimos para o comportamento do “vixe” diante da faixa etária:

Tabela 4 – Frequência de uso da forma “vixe” em relação à faixa etária

FATORES	%
Faixa etária 1 – f1	72,09%
Faixa etária 2 – f2	26,35%
Faixa etária 3 – f3	1,55%

A Tabela 4 nos mostra que o “vixe” encontra-se em um maior número na f1, com 70,09%. A f2 apresenta uma queda relevante na quantidade de ocorrências, com 26,55% dos usos. A f3 quase não registra essa forma, é responsável por somente 1,55% dos casos.

Diante das manifestações interjetivas apresentadas, trataremos agora de como as formas interjetivas “nossa”, “valha” e “vixe” são utilizadas nas conversas de *Whatsapp* pelos participantes, bem como suas funções nos processos conversacionais.

4.2 As formas interjetivas: variação discursiva e a função de marcadores discursivos

A princípio, esclarecemos que optamos por dividir os participantes entre homens e mulheres nas conversas privadas e em grupos, para dar prosseguimento às análises, tendo em vista que buscamos responder se há ou não diferenças semânticas no uso pelos sujeitos em função do sexo/gênero. Dessa forma, podemos perceber em quais contextos e com quais funções, na eventualidade dessa pesquisa, as formas aparecem nas interlocuções.

Como ponto de partida, veremos a forma “vixe”, a qual nos possibilitou perceber que está muito presente na fala das mulheres, e apresenta algumas funções e sentidos. Nesse contexto, na fala das mulheres em conversas privadas, a forma mencionada pode assumir o papel de marcador discursivo, uma vez que, remetendo a Marcuschi (2003), podem aparecer em posições distintas nas frases, sendo assim responsáveis por manter ou encerrar um assunto. Lourenço (2014) também contribui para essa afirmação quando diz que os marcadores funcionam como um elo entre as unidades comunicativas.

A seguir, veremos um exemplo da forma “vixe” com função de marcador e, a partir daí, podemos discutir qual o sentido que a forma apresenta, no contexto conversacional selecionado:

Figura 1 – Ocorrência da forma “vixe” em conversa entre duas mulheres



Na Figura 1, considerando o contexto da conversa, a palavra “vixe” aparece como marcador, conforme dissemos acima, mas, por estar isolado, é atribuído a ele o sentido de lamento pela dor de cabeça da interlocutora, além de ser um elemento que mantém a conversa no mesmo tópico conversacional.

É importante mencionar que o “vixe” aparece nas conversas de diferentes formas. Em algumas ocorrências, os interlocutores escrevem “vish”, “vishi” ou “vixi”, o que demonstra a concorrência de diferentes letras para representar o mesmo som, no caso a fricativa [ʃ]. Ocorrem, ainda, as formas escritas “viiiish” ou “vishhh”, as quais interpretamos como uma mudança de entonação com intensificação e prolongamento de sons, que só podemos perceber, claramente, em conversas orais, mas que servem para denotar que algo não está bem ou que há algum problema.

Em relação aos sentidos atribuídos ao “vixe”, notamos que, na maioria dos casos, essa forma possui sentido de lamentação, aparecendo no início ou no final das sentenças, assim como isolado, como no exemplo apresentado, mas também, em algumas conversas, ele apresenta sentido de murmúrio (pelo que conseguimos identificar), leve espanto, desprezo e até reclamação.

Dessa forma, além de se encaixar como marcador discursivo, “vixe” também assume o papel de interjeição, uma vez que, de acordo com Cunha e Cintra (2017), as interjeições, dentre outras coisas, são reações motivadas por emoções e, às vezes, quando não sabemos como nos expressar com palavras exatas, as interjeições tendem a nos auxiliar. Isso também ocorre nas conversas em grupo, quando, a depender do contexto, a interlocutora utiliza o “vixe”, conforme o sentido que quer atribuir à conversa.

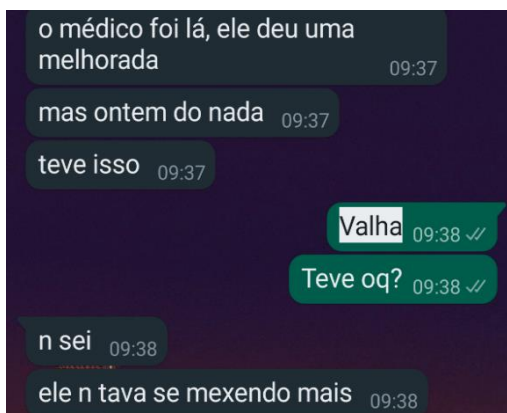
Com os participantes masculinos, essa forma ocorreu em menor proporção e, pelo que pudemos observar, além desses usos semânticos aplicados pelas mulheres, há a função de afastamento do assunto, pois, apesar de o “vixe” estar isolado, as mensagens posteriores confirmam nossa hipótese. Vejamos o exemplo na Figura 2:

Figura 2 – Ocorrência da forma “vixe” em conversa entre um homem e uma mulher



Passamos agora para a análise da forma “valha”, também bastante presente no linguajar de mulheres que nos concederam permissão para acessar as suas mensagens:

Figura 3 – Ocorrência da forma “valha” em conversa entre duas mulheres

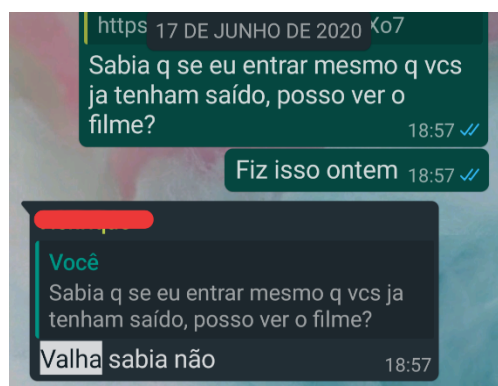


O que podemos notar, nesse caso, é a ocorrência do “valha” isoladamente, isso pode significar que, não sabendo como expressar seu estranhamento em relação à informação dada pela outra interlocutora, a participante utiliza a forma mencionada, o que também nos leva a considerar que, nesse contexto, a forma “valha” também funciona como marcador, no sentido de manter o assunto.

Assim como o “vixe”, explorado anteriormente, o “valha” também é passível de possuir atribuições de sentidos diferentes. Isso foi percebido no processo de coleta das mensagens e de uma análise prévia, que nos possibilitou perceber que, na maioria das ocorrências, “valha” tem sentido de estranhamento, porém, passa a significar, em determinadas situações, surpresa e indagação.

Nas conversas em grupo, também há a atribuição de estranhamento ao “valha”, mas, na Figura 4 que veremos, a mesma forma pode assumir dois sentidos:

Figura 4 – Ocorrência da forma “valha” em conversa em grupo



Nesse caso, podemos notar que a forma “valha” (escrita por um participante do sexo masculino) aparece na posição de início de frase, denotando, como já nos referimos, estranhamento em face ao contexto das mensagens anteriores. Porém, notamos que essa forma também pode significar uma admiração pelo fato de o interlocutor estar sendo informado de algo que não tinha conhecimento.

Nas conversas privadas dos participantes do sexo masculino, a referida forma também é utilizada em pouca quantidade, e, pelo que nos foi possível constatar, pelo menos uma das ocorrências do “valha” tem sentido de espanto, aparece no início da sentença e funciona como uma ligação entre as unidades comunicativas, mantendo a conversa no mesmo tópico.

Como nossa última forma interjetiva, temos o “nossa”, a qual, pelo que constatamos, anteriormente, aparece bem menos em detrimento do “vixe” e do “valha”, mas isso não significa que é menos importante. Portanto, cabe-nos analisar as ocorrências da referida forma e como esta atua no processo comunicacional.

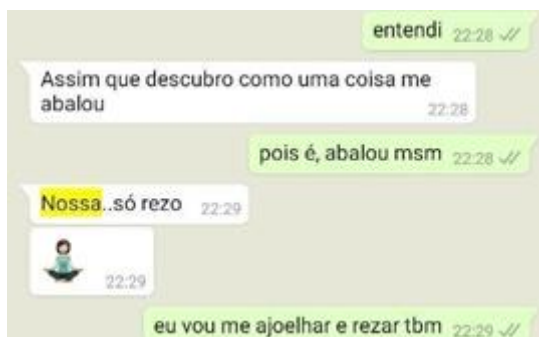
Figura 5 – Ocorrência da forma “nossa” em conversa entre homem e mulher



A partir das mensagens e seu contexto expostos na Figura 5, percebemos que, antes de desejar os pêsames à amiga, o participante expressa seu lamento por meio da interjeição “nossa”. Podemos, ainda, considerar que, além de lamentação, a forma mencionada tem sentido de surpresa.

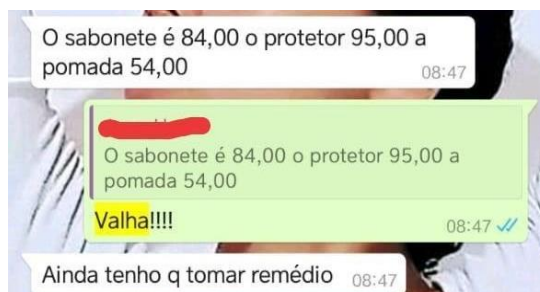
O que percebemos, também, é que “nossa” apresenta sentidos diversos, podendo expressar tanto lamento, surpresa, espanto e até um certo desprezo, como veremos no seguinte exemplo:

Figura 6 – Ocorrência da forma “nossa” em conversa entre duas mulheres



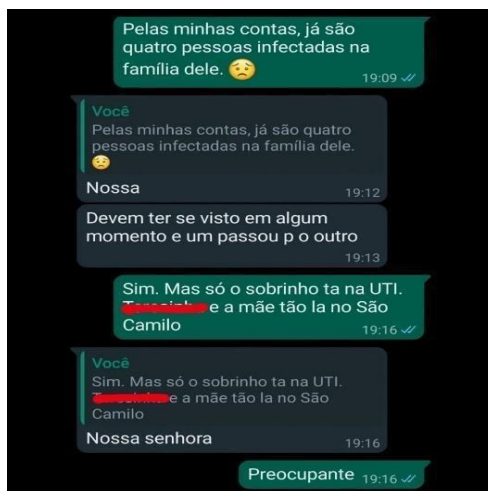
Em face ao exposto, é relevante destacar que, em algumas situações, as três formas podem ser variantes umas das outras, como por exemplo o “valha” quando ocorre isolado, indicando surpresa, que pelo contexto, consideramos ser equivalente ao “nossa” e ao “vixe”, podendo ser substituído sem causar danos ao propósito da mensagem. A exemplo, temos:

Figura 7 – Ocorrência da forma “valha” em conversa entre duas mulheres



Além desse fato, outro ponto que julgamos pertinente é revelar que, ao passo que a coleta das mensagens era feita, algumas expressões apareceram nas conversas, tais como “valha-me Deus” e “nossa Senhora” com o mesmo sentido das expressões que formam o escopo desta pesquisa. Isso pode nos revelar que, mesmo com o processo diacrônico sofrido pela língua, mencionado nas seções iniciais, expressões como essas ainda são utilizadas em conversas, uma vez que o fenômeno de gramaticalização, pelo qual essas interjeições passaram, permite a manutenção das formas originárias mesmo com a inserção de seus derivados na língua. Na sequência, mostraremos duas imagens nas quais isso ocorre:

Figura 8 – Ocorrência da forma “nossa” e “Nossa Senhora” em conversa entre duas mulheres



Este é um caso interessante para nossa pesquisa, pois a mesma participante utiliza duas formas para expressar os mesmos sentimentos: surpresa e espanto. A ocorrência da forma “nossa” nos revela que a intensidade da surpresa e do espanto foi menor, comparando com o uso de “nossa senhora”, considerando o contexto e o teor da conversa.

O que podemos perceber é que, além de funcionarem como formas interjetivas, assim como as demais formas aqui investigadas, também operam como marcadores, no sentido de que facilita a comunicação e mantém o assunto da conversa.

Figura 9 – Ocorrência da expressão “Valha-me Deus” em conversa em grupo



A Figura 9 ilustra a ocorrência da expressão “Valha-me Deus”, que, nesse caso, funciona tanto como marcador, facilitando o processo cognitivo da conversa, quanto como interjeição, no sentido de ser a expressão de um nível mais leve de lamento, com um teor cômico, levando em consideração o contexto da conversa.

A partir das análises apresentadas, na próxima seção, traçaremos o que foi possível considerarmos, finalmente, sobre as formas interjetivas “nossa”, “valha” e “vixe”.

5 Considerações finais

As gramáticas e os livros didáticos ainda trazem uma visão limitada sobre as interjeições, na maioria dos casos, mencionando apenas sua função emotiva no campo da linguagem. Sob o amparo da Linguística, pudemos verificar que o fenômeno interjetivo transcende o campo da expressão dos sentimentos, assim como é possível identificar seu processo de variação na língua e quais fatores extralinguísticos estão conectados a ele.

Uma breve viagem pancrônica nos fez perceber as mudanças paulatinas sofridas pelas formas “nossa”, “valha” e “vixe” as quais, tão populares na linguagem falada e escrita, puderam nos revelar muito mais do que imaginamos, seja pelo viés quantitativo, seja pelo viés qualitativo.

Em relação ao primeiro, pudemos compreender que os homens pouco desfrutam dessas interjeições em suas conversas, diferentemente das mulheres, que as empregam com maior frequência. Ademais, o fator sexo/gênero não possui interferência significativa na escolha entre uma dessas formas. Apesar de o “vixe” ser a forma mais utilizada por mulheres e menos pelos homens, a diferença entre os percentuais não é suficiente para afirmar que mulheres preferem uma dessas interjeições, enquanto homens preferem outra. A faixa etária é, entretanto, um condicionante importante: o “nossa” aparece em maior número entre os participantes da f3 (de 46 a 60 anos) e, conforme a idade vai diminuindo, essas ocorrências também diminuem. O mesmo acontece com o “vixe”, mas em sentido contrário. Ao passo que progredimos de faixa etária, temos um número menor de ocorrências, ou seja, os participantes da f1 (de 18 a 25 anos) são os responsáveis pela maior parte dos usos dessa forma, o que cai para menos da metade entre os sujeitos da f2 (de 26 a 45 anos), reduzindo ainda mais entre aqueles da f3. O “valha” tem um resultado mais atenuado, embora também seja mais frequente entre os mais jovens, em comparação aos mais velhos.

Em nossa análise qualitativa, observamos que, para além da função de interjeição, que é o foco do trabalho, as formas mencionadas também atuam como marcadores discursivos, haja vista a sua possibilidade de aplicação com a finalidade de manutenção ou encerramento de tópico, já que os marcadores são responsáveis por facilitar a comunicação entre os interlocutores e, servindo como elo entre as unidades comunicativas, obedecem a princípios comunicativos como, por exemplo, a posição em que aparecem e as funções que exercem, o que evidencia a importância dos aspectos pragmáticos para a compreensão e emprego desses fenômenos na língua em uso.

Isto posto, reiteramos, por fim, que a quantidade de dados do nosso *corpus* foi limitada, embora tenhamos conseguido atingir todos os nossos objetivos, o que abre espaço para novas pesquisas, com um material de análise ampliado.

Referências

- ALVES, T. G. L. *A expressão da futuridade nos tipos do discurso do expor e do narrar a partir de textos de língua falada e escrita cearenses*. 2011. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8894>> Acesso em: 26 set. 21.
- BATISTA, H. R. *Uai: estudo de uma interjeição do português brasileiro*. 2013. 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9BVJCP>> Acesso em: 22 março 2021.
- BATISTA, H. R.; RAMOS, J. M. Ensino de interjeições na educação básica: um fenômeno linguístico no limbo. *Ecos de linguagem*, v. 1, p. 16-26, 2015. Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_ecos/ecos5_artigo2.pdf> Acesso em: 22 março 2021.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CAIXETA, G. F. *Macacos me mordam! Interjeição: uma classe no limbo do sistema lingüístico do português brasileiro*. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9KPRPT>> Acesso em: 04 abril 2021.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C.. *Português: linguagens*. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.
- CEREJA, W. R.; VIANNA, C. D.; DAMIEN, C. *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*. São Paulo: Saraiva, 2016.
- COELHO, S. M.; VITRAL, L. T.. O estatuto gramatical dos verbos relacionais. In: COELHO, S. M.; VITRAL, L. T. (Orgs.). *Gramaticalização em Português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- DORNELAS, V. A. de A. O percurso de gramaticalização da interjeição Virgem Maria no dialeto mineiro. In: COELHO, S. M. (Org.). *Gramaticalização e mudança linguística*. Belo Horizonte: Viva voz, 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/Gramaticaliza%C3%A7%C3%A3o%20e%20mudan%C3%A7a%20lingu%C3%ADstica.pdf> Acesso em: 21 jul. 2021.
- GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. Variação discursiva: procedimentos metodológicos para delimitação do envelope de variação. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; GÖRSKI, E. M. (Orgs.). *Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos*. São Paulo: Blucher, 2016. Disponível em: <<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/variacao-discursiva-19932>>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- LOURENÇO, D. de S. Marcadores Conversacionais: Um Estudo Sobre Suas Funções Em Um Diálogo. *Claraboia: Revista do curso de Letras da UENP, Jacarezinho*, PR. n. 1/2, p. 99-106, jun./dez. 2014. ISSN: 2357-9234. Disponível em: <<http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/476>>. Acesso em 21 de jul. de 2021.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros digitais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 2010.

NEVES, M. H. de M. *Gramática funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

PENHAVEL, E. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum. *(Con)textos linguísticos*, Vitória - v.6, n.7, 2012, p. 78 - 98. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/index.php/contextoslinguisticos/article/view/4620>>. Acesso em: 21 de jul. 2021.

PINHEIRO, A. F. de C. Algumas particularidades do WhatsApp: proximidade com a fala ou com a escrita? *Linguística Rio*, v. 3, n. 2, 2017. Disponível em: <https://www.linguisticario.letras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/lr32_pinheiro.pdf> Acesso em: 05 ago. 2021.

PINHEIRO, A. F. de C. *Conversas de Whatsapp no ensino de português: conscientizações sociolinguísticas*. 2018. 52 f. Monografia (Licenciatura em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://lefufrj.files.wordpress.com/2019/02/tcc-andrei-f-de-carvalhaes-pinheiro-2018.pdf> > Acesso em: 05 ago. 2021.

RAMOS, J. M. Interjeições e gramaticalização: Nô! e Nossa Senhora! no dialeto mineiro. In: COELHO, S. M.; VITRAL, L. T. *Gramaticalização em Português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 17, p. 27-47, 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1312> Acesso em: 05 jul. 2022.

TOMAZETTO, S. A. *As interjeições e locuções interjetivas nas tiras em quadrinhos sob a abordagem discursiva*. 2012. 107p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2012. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2350/1/simone_tomazetto.pdf> Acesso em: 20 abril 2021.

TUFANO, D. *Gramática Fundamental*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança e variação linguística [1968]. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

The interjection from different perspectives: analysis of *nossa*, *valha* e *vixe* in *whatsapp* conversations

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 7

Number 1

Received in: 28/02/2022

Approved in: 02/07/2022

Abstract:

This paper seeks to understand how the interjections "nossa", "valha" and "vixe" are used on the WhatsApp platform. Therefore, we set the following objectives: (i) to understand the use of these forms in WhatsApp messages as evidence of a process of diachronic and discursive variation and their integration into the category of discursive markers; (ii) to shed light on the concept of interjection for normative grammar, textbooks and linguistics; (iii) to analyze the variation processes of "nossa", "valha" and "vixe" from a diachronic and discursive point of view; and (iv) to discuss the hypothesis that the above interjections can be included in the list of discursive markers. The theoretical framework adopted consists of the theory of variation and the linguistic change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] / 2006) and studies on discursive markers (MARCUSCHI, 2003; PENHAVEL, 2012; LOURENÇO, 2014). To this end, we conducted a qualitative-quantitative and bibliographic-documentary study in which we collected conversations on WhatsApp as a corpus. The results show that the forms in focus are indeed variants of each other and that the age group factor plays an important role in this choice. We also found that these interjections act as discursive markers to maintain the conversation among interlocutors and facilitate the cognitive process of communication. We therefore conclude that interjections, which appear only marginally in textbooks and linguistic grammar manuals, can serve various functions, e.g., as discursive markers, and constitute a fruitful field for studies on discursive variation.

Keyword:

Interjections; Discourse markers; *Whatsapp*.